

Marcos do devir antropológico e da trajetória etnográfica: o menino que imaginava mundos subterrâneos. Entrevista com Jacques Galinier

Jacques Galinier é doutor em Antropologia pela *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS) de Paris (1985), tornou-se Diretor emérito de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). É membro em tempo integral no Laboratoire d’Ethnologie et de Sociologie Comparative (LESC) da Université de Paris X-Nanterre. É corresponsável pelo programa de pesquisa pluridisciplinar “Antropologia da noite” (CNRS – Université de Paris X - Nanterre). Ministrou cursos no Departamento de etnologia da Université de Bordeaux (1973-1975; 1980-1981), no Departamento de Etnologia da Université de Paris X-Nanterre (1978-2004), no Instituto de Investigaciones Antropológicas da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) (1987, 1995, 2003, 2016), no Programa de Estudos de Pós-graduação de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987), no Departamento de Antropologia da Universidade Eötvös Lorand de Budapeste (1992), no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Natal

- * Doutora em Antropologia pela Universidade de Buenos Aires. Investigadora Assistente do CONICET, com sede no Instituto de Ciências Antropológicas da Universidade de Buenos Aires (ICA-UBA). CV: https://www.conicet.gov.ar/new_scp/detalle.php?keywords=&id=37030&datos_academicos=yes



(1998, 2003, 2015) e na Universidad Complutense de Madrid (2003,2004, 2005). Participa do Conselho Editorial dos seguintes periódicos: L'Homme (Paris), Journal de la Société des Américanistes (Paris), Journal of the Southwest (Tucson, University of Arizona), Recherches Amérindiennes au Québec (Montreal), Dimensión Antropológica (México DF), e Anales de Antropología (México DF). Desenvolveu estudos etnográficos pioneiros sobre as populações otomi, no México Oriental.

Quais as razões de sua escolha da população sobre a qual empreendeu seu trabalho de campo?

Certamente não foi a minha eleição. Desde 1969 tive a oportunidade de trabalhar, por seis anos, na Missão Arqueológica e Antropológica Francesa no México (MAEFM). Ali comecei a fazer trabalhos de campo na zona otomi oriental, uma área isolada em Sierra Madre. O diretor da missão, Guy Stresser-Péan, escolheu esse território porque ali não havia então pesquisas desenvolvidas por colegas de meu país de origem. Naquele momento havia uma espécie de divisão tácita em áreas geográficas, que determinava a participação de distintos países. Os americanos faziam suas pesquisas em Chiapas, os alemães e italianos em Puebla e Tlaxcala. Para nós, franceses, foi designada Huasteca, uma vasta região de terra quente no sopé de Sierra Madre Oriental, na qual coabitam povos teenek (antigamente conhecidos como povo huasteco), nahua, totonaco, tepehua e otomi. Era uma zona imensa, que tive que explorar a pé durante esses anos, trocando de comunidade, para percorrer o território. Foi um trabalho etnográfico e museográfico conforme entendido à época, destinado a preservar testemunhas da cultura material prestes a desaparecer.

A partir do pressuposto de que a morte nas sociedades ameríndias (na Mesoamérica, precisamente) tem sido um dos pontos centrais de sua pesquisa durante meio século, quais foram os motivos desse interesse?

É um assunto muito complicado para explicar em poucas palavras. A morte tem sido uma preocupação constante no meu imaginário, desde pequeno. Como posso explicar esse "mito etiológico"? Meu pai era diretor de um colégio. Naquela época, o diretor e sua família moravam na instituição. Ali passei vinte anos. O colégio tinha um porão enorme, com pouca luz, no qual era armazenado o carvão a ser utilizado nos aquecedores, no inverno. Eu ficava muito tempo nesse lugar porque adorava o cheiro do carvão, mas também porque tinha certeza de que por trás da pilha de carvão havia uma espécie de corredor, que permitia chegar ao mundo dos mortos. Passei muito tempo escavando com pá e picareta, procurando a passagem. Fazia isso naturalmente, às escondidas, e ninguém percebia o que eu estava fazendo. Só minha mãe se zangava quando eu regressava para casa coberto de cinza, mas no fundo ela permitia.

Tenho constantemente a ideia de que a finalidade de nossa presença neste mundo consiste na comunicação com a humanidade que existe antes de nós. Esse encontro com a morte tem permeado toda a minha percepção do trabalho de campo. Até hoje sigo escrevendo



sobre a oposição entre o explícito e o tácito, o visível e o invisível, o consciente e o inconsciente etc. em uma sociedade na qual essas oposições funcionam de maneira explícita.

A cultura otomi expõe uma onipresença da morte. É uma população realmente muito pobre. Em termos gerais, ela é caracterizada pela falta de recursos econômicos, desigualdades sociais significativas, violência endêmica, alcoolismo generalizado, brutalidade da dominação masculina, crenças sobre a potência da noite que saturam literalmente todo o universo todo. Durante o dia é possível sentir a presença dessas forças da noite, que são como emissários, como uma representação diplomática dos ancestrais. Em nível local, os ancestrais dirigem toda a vida pública e privada, por intermédio de normas de aplicação de um sistema de tributos, que posiciona os vivos permanentemente em uma situação desigual de negociação, em uma economia de prestígio e ostentação que os obriga a se desfazer de suas riquezas, em prol dos defuntos.

Assim, meu interesse pela morte está vinculado às minhas angústias pessoais e, também, com os fundamentos da cultura otomi, como se pode comprovar ao longo de todo o meu trabalho de campo etnográfico.

O que o senhor pode refletir nessa primeira aproximação do contexto otomi, especificamente no início de seu trabalho?

O que me chamou a atenção desde o começo de minhas pesquisas foi um sentimento de frustração, ao descobrir que as exegeses externas (dirigidas por meus interlocutores de forma aberta) não eram mais do que uma versão do funcionamento da sociedade otomi, e que a parte noturna permanecia protegida por um envoltório de segredos. Esses segredos estavam vinculados com a morte e com a necessidade de manter uma série de atos sacrificiais, que confirmaram as exegeses internas (as que pude captar em momentos de transe ritual e de embriaguez).

A partir dessa orientação, que me foi imposta literalmente por meus anfitriões, entendi que a pesquisa devia levar em consideração uma divisão central na organização mental dos otomi: a oposição entre o visível e o invisível e suas derivações diretas, como o explícito e o tácito, o diurno e o noturno, com a celebração dos "antiguas", em instâncias reguladoras da vida social.

Paralelamente pode parecer paradoxal, mas a descoberta da cultura otomi ao longo deste meio século na Sierra Madre não tem sido mais do que a lenta assimilação de um sistema de pensamento que, finalmente, acho em sintonia completa com meu modo de vivenciar minha religião privada. Uma visão de mundo na qual o corpo humano aparece como a medida de todos os aspectos do universo. Como afirmava o filósofo grego Protágoras, o homem é a medida de qualquer coisa. Aqui, é o corpo humano que explica a orientação, a classificação social, o sistema de parentesco, o simbolismo, a ambivalência dos afetos nos humanos, nos antepassados e, também, nos animais. Por exemplo, o alter ego animal, nomeado de "nahual", parte da construção da pessoa que inclui não apenas elementos próprios do corpo, como também extraterritoriais, como a alma ou a sombra que pode cair, sair do corpo, e que o xamã

deve regressar. O duplo animal possui um ciclo de vida paralelo ao homem. Se o nahual morrer, o homem morre também, e vice-versa. A ambiguidade dos preceitos, a oposição de todos os planos da realidade (o mundo diurno da vigília e o mundo do sono da morte) possui uma importância determinante no imaginário da noite que contamina toda a vida social, inclusive as relações entre os homens e mulheres, a concepção do amor e do sacrifício.

Ao longo do seu trabalho você programou mudanças em suas estratégias de pesquisa? Em que consistiram?

Minha estratégia de pesquisa tem se transformado consideravelmente ao longo dos anos. Durante minhas primeiras pesquisas na Sierra Madre até finais de 1972, me dediquei unicamente ao trabalho de campo, sem nenhuma ferramenta conceitual. Neste período me sentia incapaz de desenvolver uma teorização sustentada em meu material, a partir de duas correntes intelectuais que dominavam o campo acadêmico na França dos anos setenta: de um lado, o estruturalismo e, de outro, o marxismo. Talvez, por não contar, durante esses longos meses de solidão, com a companhia de alguém com quem discutir a pertinência dessas problemáticas, me conformei com a construção de uma "monografia de gaveta", no estilo dos volumes do Handbook of Middle American Indians.

Na segunda fase até o começo dos anos oitenta, o que mais chamou minha atenção foi a exploração do sistema ritual otomi. Durante esse período senti a necessidade de encontrar um marco teórico para entender o que achava totalmente enigmático naquele momento. Em outras palavras, o funcionamento de uma lógica simbólica que admite juízos de verdade contraditórios (o feio significa o belo, o belo o vazio, o feminino o masculino etc.). Encontrei a solução quando descobri o papel determinante da imagem do corpo como modelo de explicação do mundo, o que me obrigou a abandonar o recurso das exegeses externas (as respostas de meus interlocutores às perguntas do observador) a favor das exegeses internas (comentários entre os atores de maneira espontânea em situações críticas, em particular nos contextos de transe ritual ou embriaguez). No plano teórico, a obra de Freud me permitiu compreender melhor os aspectos centrais da cosmovisão otomi, particularmente sua noção de inconsciente universal, dos processos de repressão e dos níveis de interpretação dos sonhos. Acrescentei o termo «indígena» por ser uma distorção do pensamento de Freud, que exclui radicalmente a ideia de um inconsciente pessoal, individual. Todas as imagens pertencem a um acordo coletivo. Não se pode falar de um sujeito no sentido ocidental.

Essa orientação para as concepções nativas do aparelho psíquico levou-me a explorar as ideias otomi sobre o sono (sleep and dream), que não podem ser separadas de uma antropologia da noite. Comecei a indagar como as normas culturais organizam as percepções e o segmento noturno da vida social, que se confunde principalmente com a problemática da morte. Essa fase de minha trajetória profissional tem me levado a uma pesquisa coletiva, pluri e transdisciplinar, entre a antropologia, a linguística, a história, a psicologia e a biologia do sono. Atualmente essa orientação, que implica novas experiências no trabalho de campo, postergadas pela pandemia da COVID-19, relaciona-se com o que Pedro Pitarch tem designado como forma



atinada como uma “etnografia teórica”, uma epistemologia que, a partir de um consistente material de campo, permite alcançar um nível de compreensão da realidade suficientemente sofisticado e capaz de sustentar discussões sobre sociedades complexas referidas às “altas culturas” da Mesoamérica, seja a maia ou a mexica.

Voltando à relação entre o observador e a cultura observada, a relação entre a noite e os mortos não têm abandonado o senhor durante toda sua vida profissional, e permanece como o centro de suas preocupações. Como é expresso esse interesse no estado atual do seu trabalho?

O início da minha trajetória profissional, marcada pela exploração do infra mundo otomi, tem se redirecionado atualmente para sua metafísica, meu tema atual de pesquisa. Ele se sustenta no trabalho pluridisciplinar que mencionei e tem como objetivo entender a fascinação histórica dos otomi com os «antiguas», assim como as articulações entre a noturnidade e a morte.

Principais publicações do autor

Becquelin, A. M. & Galinier, J. (coord.) (2016). *Las Cosas de la Noche: Una mirada diferente*. México: Centro de Estudios Mexicanos y Centroamericanos.

Galinier, J. (2016). *Una noche de espanto: Los otomíes en la oscuridad*. México: UIHE.

Galinier, J. & Molinié, A. (2013). *The Neo Indians: A religion for the Third Millennium*. Boulder: University Press of Colorado.

Galinier, J. (2011). *Une nuit d'épouvante: Les Indiens Otomi dans l'obscurité*. Nanterre: Société d'ethnologie.

Galinier, J. et al. (2010, december). Anthropology of the night: Cross disciplinary investigations. *Current Anthropology*, 51(6), 819-847.

Galinier, J. (2009). *El Espejo otomí: De la etnografía a la antropología psicoanalítica*. México: CEMCA.

Galinier, J. (1997). *La moitié du monde: Le corps et le cosmos dans le rituel otomi*. Paris: Presses Universitaires de France.

